



UFSM

Artigo Monográfico

**A Influência do Desejo Parental nas Altas
Habilidades/Superdotação: uma abordagem Psicanalítica**

Janaína Pereira Pretto

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

Orientadora: MS. Maria Regina Nieckel da Costa

Santa Maria, RS, Brasil.

2008

**A Influência do Desejo Parental nas Altas
Habilidades/Superdotação: uma
Abordagem Psicanalítica**

por

Janaína Pereira Pretto

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial
do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, para
obtenção do grau de.

Especialista em Educação Especial:
Altas Habilidades/Superdotação.

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

Orientadora: MS. Maria Regina Nieckel da Costa.

Santa Maria, RS, Brasil.

2008

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação - Especialização em Educação Especial:
Altas Habilidades/Superdotação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de Especialização.

A Influência do Desejo Parental nas Altas
Habilidades/Superdotação: uma abordagem Psicanalítica

Elaborada por

Janaína Pereira Pretto

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Mara Regina Nieckel da Costa
(Profa. Mestre)

Nara Joyce Wellausen Vieira
(Profa. Doutora)

Susana Graciela Pérez Barrera Pérez
(Profa. Doutora)

Santa Maria, RS.

AGRADECIMENTOS

- A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
- A Coordenação do Curso de Pós-Graduação em AH/SD.
- A minha orientadora Profa. MS. Maria Regina Nieckel da Costa.
- Aos colegas da Pós-Graduação em AH/SD.
- Aos professores do Curso de Pós-Graduação em AH/SD, por compartilhar seus conhecimentos e experiências.

“A imaginação é mais importante que a ciência,
porque a ciência é limitada, ao passo que a
imaginação abrange o mundo inteiro.”

Albert Einstein

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

A Influência do Desejo Parental nas Altas Habilidades/Superdotação: uma abordagem Psicanalítica

AUTOR: Janaína Pereira Pretto

ORIENTADOR: Mara Regina Nieckel da Costa

25 de Outubro de 2008, Santa Maria, RS.

Resumo: O presente trabalho busca discutir as altas habilidades/superdotação, através de uma leitura psicanalítica, na qual propomos estudar a superdotação como se constituindo em uma forma peculiar de responder ao fantasma parental, sobretudo, com o que se relaciona ao desejo materno, colocando-se como algo que está além da estrutura, presente tanto na neurose, quanto na perversão e psicose. A partir disso, discutiremos a concepção psicanalítica do processo de estruturação psíquica, dando ênfase na constituição neurótica do sujeito, a fim de circunscrever de que forma o mesmo se encontra referido ao significante superdotado e como isso se refletirá em sua relação com o saber. Sendo assim, tentaremos analisar a noção de estrutura psíquica e de inconsciente estruturado, verificando como essa teoria introduz a figura materna no processo de constituição psíquica do sujeito e como isso reflete nos processos cognitivos. Para este estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, na qual foram selecionados livros e artigos capazes de explicar o tema proposto. O principal objetivo deste estudo, portanto, foi buscar entender como o elevado desempenho intelectual do superdotado surge como uma forma de atender ao desejo narcísico dos pais. A conclusão desta pesquisa aponta que a criança superdotada, embora de uma forma inconsciente, pode ser um substituto capaz de recobrir as perdas da infância, o retorno ao tempo perdido, os amores perdidos, os ideais parentais, atendendo prontamente à demanda incondicional do Outro. Neste sentido, as altas habilidades/superdotação surgem como um traço, direcionado a responder ao fantasma parental, sobretudo naquilo que este se relaciona ao desejo materno.

Palavras-chave: altas habilidades/superdotação, desejo narcísico parental, clínica psicanalítica.

ABSTRACT

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

The Influence of the Parental Wish in the High Skills/ Gifted: an approach Psychoanalytic

AUTOR: Janaína Pereira Pretto

ORIENTADOR: Mara Regina Nieckel da Costa

25 de Outubro de 2008, Santa Maria, RS.

Abstract: This work to discuss the high skills / gifted, through a reading, in which we propose to study the gifted as constituting a peculiar to answer the parental ghost, above all, with what itself related to the maternal wish, put itself how as something that is beyond the structure, gift so much in the neurosis, grow how much in the perversion and psychosis. From this, discussion psychoanalytic conception of the process of psychic structuring, to emphasis in the constitution neurotic of the subject, in order to circumscribe of that it forms the same itself it finds referred to the significant gifted and as this will be reflected in its relation with knowing. Being thus, we will try to analyze the notion of psychic structure and unconscious structured, verifying how that theory introduces the figure maternal in the process of psychic constitution of the subject and how this reflects in cognitive processes. For this study, was carried out a qualitative research, type of bibliographic, which they were selected books and articles able to explain the theme. The main purpose of this study, therefore, was to search to understand as the high intellectual performance the gifted it appears how a form in answer to narcissus wish of the parents. The conclusion of this research apont that the gifted child, though on one form unconscious, can be a substitute capable to recover the losses of infancy, the return to the lost time, the lost loves, the parental ideals, answer promptly of the unconditional demand of the other. In this direction, the high skills appear how a trace, directed to answer the parental ghost, above all in what this if relates to the maternal wish.

Keys- Words: high skills / gifted, parental narcissus wish, psychoanalytic clinic.

APRESENTAÇÃO

Ao analisar o tema Altas Habilidades/Superdotação, faz-se necessário conceituar e contextualizar algumas questões. A superdotação é entendida como um fenômeno multidimensional e agrega muitas características de desenvolvimento do indivíduo, abrangendo tanto aspectos cognitivos quanto características afetivas, neuropsicomotoras e de personalidade. Não se pode esquecer, ainda, que o conceito de superdotação é influenciado pelo contexto histórico e cultural e, por isso, pode variar de cultura para cultura e em função do momento histórico e social. De forma geral, consideram-se como superdotados aqueles que demonstram habilidades muito acima da média em um ou mais domínios, seja no domínio intelectual, artístico ou no domínio das relações sociais, produções criativas, esportivas e psicomotoras (ALENCAR e FLEITH, 2001; RENZULLI e REIS, 1997; WINNER, 1998).

O indivíduo superdotado caracteriza-se por apresentar um desempenho superior à média em uma ou mais áreas, comparados à população geral da mesma faixa etária (WINNER, 1998). Muitas das características presentes nestes indivíduos diferem das encontradas em indivíduos da mesma faixa etária. Silverman (2002) define o superdotado como um indivíduo que possui um desenvolvimento assíncrono entre habilidades intelectuais, psicomotoras, características afetivas e aspectos do desenvolvimento cronológico. Essa assincronia pode ser traduzida por desenvolvimentos não lineares, característicos do superdotado, e que seriam os geradores de sentimentos de descompasso do indivíduo em relação a si mesmo e à sociedade. As habilidades cognitivas avançadas e a intensidade emocional elevada do superdotado são combinadas para criar uma experiência interna, um predicado de atenção e de consciência que é qualitativamente diferente do padrão normal.

O indivíduo superdotado passa a ser caracterizado como sendo aquele que “apresenta facilidade no desempenho escolar e qualidade superior nos relacionamentos sociais, relatando-se que longe de se constituir um problema clínico, a superdotação parece facilitar a adaptação às mudanças” (ROSENBERG, 1973). Colocam-se como traços não só uma inteligência superior, como também um desenvolvimento físico, social e emocional privilegiado em relação ao indivíduo com um nível de inteligência média.

Novaes (1979) define Altas Habilidades como um conjunto de traços e atributos que se manifestam através de elevadas potencialidades e/ou em significativos desempenhos. Estas características são o resultado da carga hereditária somada às influências ambientais que, juntas, favorecem o aparecimento dos talentos. Segundo a autora, os critérios básicos para a identificação das altas habilidades seriam: a precocidade de traços, a constância no desempenho e a possibilidade de desenvolver rapidamente os potenciais.

Já Robinson (1987) relata algumas características de personalidade, observadas em crianças precoces, que parecem interferir sobre o potencial intelectual, favorecendo sua manifestação. São elas: a tolerância à frustração, a concentração e a persistência em tarefas complexas, a capacidade de atenção durante um longo período quando uma tarefa é absorvente, um nível de atividade e de energia moderadamente alto e o prazer em dominar um conhecimento.

Além do conceito, muitos são os aspectos a serem considerados no tema em questão e muitos são os enfoques teóricos que podem subsidiar o pesquisador em sua trajetória de estudo. O presente trabalho discute a temática das altas habilidades/superdotação numa abordagem psicanalítica, considerando os fatores subjetivos a ela relacionados, buscando compreender qual é a relação entre a superdotação e a resposta do sujeito ao desejo materno.

Propondo uma leitura psicanalítica do tema, podemos supor que a superdotação se constitui de uma forma peculiar de responder ao desejo inconsciente da mãe e ao fantasma parental, colocando-se como algo que está além da estrutura, presente tanto na neurose, quanto na perversão e psicose. Sendo assim, a partir dessa proposição, discutiremos, neste trabalho, a concepção psicanalítica do processo de estruturação psíquica, dando ênfase na constituição neurótica do sujeito, a fim de circunscrever de que forma o mesmo se encontra referido ao significante superdotado e como isso se refletirá em sua relação com o saber.

A partir da vertente psicanalítica, tentaremos também analisar a noção de estrutura psíquica e de inconsciente estruturado, verificando como essa teoria introduz a figura materna no processo de constituição psíquica do sujeito e como isso reflete nos processos cognitivos.

Se desejarmos compreender em que medida as figuras parentais podem influenciar o sujeito em sua constituição psíquica e cognitiva, só poderemos fazê-lo na medida em que consideramos que “pais e crianças” encontram-se capturados em um mesmo campo e determinados pelas leis do simbólico e da linguagem. Há, portanto, uma espécie de amarração discursiva determinando e permitindo que haja circulação de doenças, palavras e efeitos entre eles, a ponto de o desaparecimento de um ‘traço’, no pai e na mãe, poder provocar efeitos sobre seu filho (KUPFER, 1994).

Segundo Bleichmar (1994), é a partir do pensamento de Lacan que se inaugura, pela primeira vez, a perspectiva de estabelecer uma relação entre o inconsciente da criança e o desejo parental. Já Mannoni (1989a) coloca que “a dinâmica pai-mãe-filho está bem antes do nascimento da criança e reenvia cada um dos pais à maneira pela qual eles mesmos viveram seus édipos e ultrapassaram as distorções ligadas ao desejo do incesto” (p.64). Segundo a autora,

o sujeito a advir está marcado pela intersubjetividade e é a partir do lugar que ocupa no desejo da mãe, desejo este estruturado em função da história materna, e da forma como o pai pode ou não exercer uma dupla castração (tanto na mãe quanto na criança), que este sujeito poderá se constituir (p.65).

Mannoni (1988 b), ao colocar que a demanda da mãe em relação ao filho se constitui no invólucro de seu desejo perdido, faz uma menção à função que o superdotado ocupa para sua mãe, perguntando-se sobre o que ocorre quando a mãe solicita que o filho seja inteligente. E ela responde que,

na medida em que, por trás da sua demanda é de outra coisa que se trata, a criança permanecerá como uma sombra tem sido atribuído um lugar preciso à sua inteligência na fantasia materna. A relação mãe-filho vai estabelecer-se através de um prisma deformante. A criança não sabe que é chamada a desempenhar um papel para satisfazer o voto inconsciente da mãe (papel do superdotado, do débil, do doente). Sem o saber, ela é certo modo ‘raptada’ no desejo da mãe (p.43).

Conforme a autora acima, podemos perceber que a superdotação pode ser uma forma de atender ao desejo materno, e como tal, há uma estreita ligação com os aspectos da sexualidade dos pais da criança, constituindo-se como mencionado anteriormente, em um traço do sujeito que se submete à condição de falo para a mãe.

Lacan (1957) discute a questão do objeto, o fazendo primeiramente a partir de uma crítica frente à tomada da relação mãe-criança como uma relação real, acrescentando a esses dois elementos um terceiro, isto é, o falo – o significante da falta, que os transpõe para uma dimensão imaginária e simbólica.

Ainda Lacan (1957) discute acerca dos textos de Freud, a fim de explicitar o modo como o sujeito se posiciona a partir da falta do objeto. Coloca que

uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através do qual se exerce todo esforço de busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo. A primazia desta dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma, que o que será encontrado. É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se procura, Existe aí uma distância fundamental, introduzida pelo elemento essencialmente conflitual incluído em toda busca do objeto (p.13).

O interesse pela temática estudada relacionada à vertente da psicanálise proporcionou um entendimento da superdotação para um viés clínico, contribuindo para a discussão da concepção de superdotado no campo da psicologia numa dimensão mais simbólica. Para isso recorreremos ao texto de Freud (1910), “A lembrança infantil de Leonardo da Vinci”, no qual ele se põe a falar das investigações sexuais infantis acerca da infância de Da Vinci, abrindo espaço para a formulação do desejo de saber e permitindo situar às altas habilidades/superdotação em relação à sexualidade, naquilo que esta comporta de desejo e de gozo.

Também Miller (1986) fala que as crianças bem dotadas, por serem mais sensíveis, podem captar melhor os anseios maternos. E para atendê-los, criam um falso eu, uma falsa identidade, afastando-se de seu verdadeiro eu. A criança percebe claramente e desenvolve uma postura na qual apenas mostra o que é esperado dela (a superdotação) e desiste desde muito cedo de expressar suas próprias angústias.

Para desenvolver o presente trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, na qual foram selecionados livros e artigos, capazes de explicar o tema proposto. Após esta etapa, foi realizada uma análise exploratória para verificar o quanto o material colhido auxiliaria na construção do artigo monográfico. O principal objetivo deste estudo, portanto, foi buscar entender como o elevado desempenho intelectual do superdotado surge como uma forma de atender ao

desejo narcísico dos pais, de acordo com a literatura. A investigação possibilitou repensar o conceito de superdotação para além dos determinantes biológicos, problematizando-a através de um referencial analítico, visando alcançar uma dimensão mais simbólica.

A construção do desejo materno

O desejo que uma mulher sente de ter um filho é alimentado por muitos motivos e impulsos diferentes e seria impossível enumerá-los todos, em cada caso individual, segundo observam Brazelton e Cramer (1992). Para dar uma idéia da potência e da complexidade desse desejo, os autores destacam alguns ingredientes mais importantes, tais como: identificação, satisfação de várias necessidades narcisistas e tentativas de recriar velhos laços no novo relacionamento com o bebê. Sobre o quesito identificação, os autores observam que todas as mulheres, na infância, tiveram alguma forma de cuidado materno e, à medida que receberam esse cuidado, tendem a engendrar a fantasia de se tornarem as cedentes, e não as receptoras dessa ação. Quando adquirem mais autonomia, essas mulheres começam, portanto, a adotar a postura das demais mulheres que as rodeiam. E, por imitação, aprenderão como se comportam as figuras maternas.

Entre os motivos narcisistas que alimentam o desejo de ter um filho (BRAZELTON; CRAMER, 1992), há a vontade que a pessoa tem de conservar uma imagem idealizada de si mesma como um ser completo e onipotente, o desejo de duplicar a si mesma ou de se espelhar num outro e o desejo de realizar os próprios ideais. O trabalho narcisista se expressa na vida psíquica por meio das fantasias de ser completo e onipotente. Para Brazelton e Cramer (1992), o desejo de completude é satisfeito nas mulheres com esse sentimento tanto pela gravidez quanto pela própria existência da criança, sendo que, em algumas mulheres, predomina o desejo de estar grávida, pois a gravidez lhes dá a sensação de estarem plenas e completas, de experimentarem a potência e a produtividade do corpo.

Já o desejo narcisista da mulher que quer se completar por meio da criança é mais diferenciado. A mãe vê, na criança desejada, em primeiro lugar, uma extensão de seu próprio *self*, um apêndice de seu corpo. A criança dá, para essa mãe, nova potência a sua imagem corporal, acrescentando-lhe uma dimensão a mais, que pode ser orgulhosamente exibida.

Ao lado do desejo de ser completo há ainda a fantasia da simbiose, da fusão com a criança, desejo este que vem acompanhado da vontade de retornar à unidade com a própria mãe (BRAZELTON; CRAMER, 1992). Ao proporcionar oportunidade de gratificação de tais fantasias de simbiose, a gravidez é também uma época para sonhar e se deleitar com fantasias de união. Depois do nascimento do bebê, o desenvolvimento e a continuidade das atitudes de apego maternal dependem da capacidade que a mulher tem de retomar suas fantasias de unidade com a própria mãe. O futuro bebê encerra em si a promessa de uma relação íntima, de uma realização de fantasias de infância.

O desejo acalentado pela mulher de gerar uma criança pode também conter em si a esperança da autoduplicação, que mantém acesa uma noção de imortalidade: a criança será um testemunho vivo da continuidade da existência da mãe. Brazelton e Cramer (1992) dizem que esse fenômeno é o desejo da mãe de se espelhar na criança. Esse anseio pela imagem especular abarca também os ideais e a tradição familiar, pois a criança representa, nesse sentido, uma promessa de continuidade, uma personificação desses valores. A criança é vista como o elo seguinte numa longa cadeia que vincula cada pai com seus próprios pais e ancestrais.

A potência dessa filiação, como bem observam os autores, cria um sem-número de expectativas, pois a criança será portadora das características e do nome da família, poderá se instruir na profissão típica da família ou receber o nome de um ancestral famoso. Existem ainda vários rituais que envolvem o nascimento de uma criança, dependendo das culturas e religiões das famílias envolvidas, o que fortalece ainda mais esse sentimento poderoso e necessário de identidade entre as crianças e seus familiares.

Diante de tantas expectativas e desejos, é importante ressaltar que todo recém-nascido pode carregar um potencial de decepção, ou seja, nenhum bebê é capaz de preencher e estar à altura de todas as fantasias que os pais acalentaram em relação ao seu futuro filho. Assim, certos traços perfeitamente normais num bebê podem também desencadear uma decepção. Isso porque, para todo pai ou mãe, três bebês diferentes reúnem-se no momento do nascimento: a criança imaginária de seus sonhos e fantasias; o feto invisível real (hoje só visto por exames devido à alta tecnologia e avanços da medicina), cujos ritmos e personalidade particulares se foram fazendo cada vez mais evidentes no decorrer da gravidez; e o recém-nascido

de fato, que pode ser visto, ouvido e, por fim, pego nos braços (BRAZELTON; CRAMER, 1992).

O apego pelo recém-nascido, segundo os mesmos autores, constrói-se com base em relacionamentos preliminares com uma criança imaginária e com o feto que durante nove meses foi elemento integrante da vida dos pais. Observam ainda que as “primeiríssimas” interações que se dão entre pais e filho ocorrem muito antes desse período, justamente a partir de forças biológicas e ambientais que levam mulheres e homens a desejar o bebê, bem como às fantasias suscitadas por esses desejos. Tais fatores podem ser considerados como parte da pré-história do apego dos pais pelo bebê.

As fantasias que os pais fazem com relação à criança, que já começam na relação imaginária à qual se refere Aulagnier (1991), podem persistir depois do nascimento e prejudicar a interação da díade mãe-bebê. “Os pais, por estarem se relacionando com um fantasma, tornam-se incapazes de reagir aos sinais emitidos pela criança. O fantasma pode ocupar todo o espaço disponível” (BRAZELTON; CRAMER, 1992, p. 163). Nessa circunstância, os pais terão muita dificuldade ou nenhuma possibilidade de ver o filho como realmente é, e esse comportamento poderá interferir na alimentação do bebê, em seu sono e disciplina. A intromissão do fantasma revela uma vulnerabilidade correspondente no passado dos pais. Esses aspectos estão ligados ao conceito de identificação projetiva.

Em todos os casos, mesmo quando não há patologia, o bebê que se desenvolve no ventre materno é o bebê das profundezas do inconsciente da mãe ou bebê fantasmático, imaginário, carregado de expectativas dos meses de gestação. Mas é justamente esse bebê que abre caminho do passado para o bebê real; e é também o bebê imaginário que assegura os vínculos entre o bebê real e suas próprias origens (ANDRADE, 2002).

Para Brazelton e Cramer (1992), os desejos e fantasias são apenas parte das forças e pressões sociais que se combinam para formar a potência e a complexidade do desejo de ter um filho. Todos esses fatores contribuem para energizar a capacidade de uma mãe de gerar e nutrir, pois, à medida que reorganizam seus sonhos e emoções, preparam o terreno para o sentimento de apego pelo bebê.

Constituição Psíquica e Criatividade

A atividade criadora é que impulsiona o homem para o futuro, fazendo com que se desenvolva sua capacidade de imaginar, modificar, combinar, criar, em diferentes níveis de complexidade. Aproveitar as experiências vividas e dar novo sentido a elas, extrair partes de um todo e reorganizá-las, modificar o que já existe são processos imprescindíveis para o desenvolvimento mental, afetivo e social da pessoa (VYGOTSKY, 1989).

A psicanálise freudiana refere-se à criatividade como resultado de uma força que emerge do inconsciente, na tentativa da resolução de um conflito; e afirma que esse processo, se não for vivenciado de forma satisfatória, pode reverter-se em neurose. Para Freud (1909/1973), a criatividade origina-se num conflito dentro do inconsciente (o Id). Mais cedo ou mais tarde, o inconsciente produz uma solução que, se reforçar uma atividade consciente da personalidade (o Ego), gerará um comportamento criador. Para ele, as pessoas criativas afastam-se da realidade por não aceitá-la tal como é, com suas normas e restrições, e é esse afastamento que permitirá o uso do potencial criativo, por meio da capacidade de criar produtos da imaginação.

Freud (1911/1973) acreditava estar à criatividade vinculada a dotes especiais, como podemos observar em sua análise: o artista é, originariamente, um homem que se afasta da realidade, porque não se resigna em aceitar a renúncia da satisfação dos instintos por ela exigida. Porém, encontra o caminho de volta desse mundo imaginário para a realidade, construindo com suas fantasias, graças a dotes especiais, uma nova espécie de realidades, admitidas pelos demais como imagens valiosas da realidade.

Ainda na perspectiva de Freud (1909, p. 1362), tanto a neurose como a criatividade tem por traço característico uma atividade imaginativa de particular intensidade e tem a mesma fonte, que é o conflito inconsciente. Ou seja, os desejos inconscientes, expressos por meio das fantasias, são passíveis de realização simbólica, a qual resulta em aliviar a tensão causada pela não satisfação do desejo. Assim, criatividade e neurose têm a mesma origem, sendo a pessoa criativa e a neurótica impelidas pela mesma força: a energia do inconsciente.

Referindo-se Novaes (1980) postula ser a criatividade um mecanismo compensatório contra sentimentos de inferioridade, pelo quais os indivíduos

alcançam formas de afirmação e realização pessoal. A criatividade é assim vista como uma forma de resolver problemas neuróticos por meio da sublimação.

Sustentava a tese da catharsis, que a criatividade se origina de um conflito dentro do inconsciente, sendo a pessoa criadora e a neurótica impelidas pelas mesmas forças, diferindo apenas na canalização dessa energia inconsciente: a pessoa criadora usa e aceita as idéias que surgem livremente e as produções do seu inconsciente. (p. 23)

Na obra freudiana encontramos um esboço do processo criativo, através do processo de “sublimação”, sendo possível compreender em Freud que o ato criativo está relacionado à sublimação. Entendemos que Freud procura definir em diferentes momentos a sublimação, contudo este conceito permanece oscilante entre um significado que estaria relacionado à transformação da pulsão sexual em dessexualizada e outro significado ligado à criação, em que cria objetos valorizados culturalmente, não precisando destituir-se de sua satisfação erótica.

A criação é uma forma de sublimação, de se atingir indiretamente algo que, conscientemente, não se teria condição de fazê-lo. Parando de brincar ao se tornar adulto, o indivíduo só aparentemente desiste desta grandiosa fonte de prazer. Ao perder a ligação com os objetos reais das brincadeiras, passa a fantasiar. Suas fantasias podem ser tanto desejos eróticos quanto desejos de engrandecimento. O artista ou criador, como não possui os meios de alcançar determinadas satisfações, foge da realidade, passando a elaborar desejos imaginários. Segundo Freud, não está longe de ser um neurótico; criar é o seu consolo, é a gratificação do seu próprio inconsciente inacessível.

Freud (1905/1976) sustentou os pré-requisitos da curiosidade intelectual em dois enigmas fundamentais que se colocam na infância: 1) de onde vêm as crianças; e, 2) porque o mundo se reparte em meninos e meninas. Ambas as perguntas estão determinadas pelo posicionamento desejante da criança em sua correlação com as figuras edípicas. São perguntas que, se em princípio têm um interesse prático, remetem não à auto-conservação, mas ao libidinal, ao desejante. Neste processamento da inteligência, a repressão originária determina, a partir da lógica da contradição, o que pode ficar no ego e o que deve ser reprimido.

Segundo Winnicott (1989, p.32):

A criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Esse espaço intermediário inicialmente surge entre a mãe e o bebê, vai transformando-se, com a entrada do pai (na relação), em espaço cultural e tem a possibilidade de expandir-se por meio do inter-relacionamento, numa experiência criativa por toda a vida cultural do homem. Visto que é necessário que haja uma atitude social positiva no ato de brincar, este, como uma experiência criativa (e que representa uma experiência de continuidade do espaço transicional), é uma forma básica de viver.

Conceituando a inteligência

O conceito de inteligência, no referencial psicanalítico, sofre um deslocamento de ênfase nos aspectos biológicos, ambientais ou interacionistas para centralizar-se nas questões referentes à sexualidade e ao desejo, introduzindo questões relacionadas à linguagem e ao estabelecimento de uma ordem fálica. Através do discurso psicanalítico, tentaremos demonstrar como a superdotação pode surgir como um traço, direcionado a responder ao fantasma parental, sobretudo naquilo que este se relaciona ao desejo materno.

Miller (1986) defende a concepção de Melanie Klein, quando considera a influência dos pais no desenvolvimento da criança, através de atitudes e expectativas dirigidas a ela, a fim de atender o narcisismo parental. Como consequência deste posicionamento dos pais, o desenvolvimento da personalidade da criança se dará de forma a somente revelar aquilo que dela é esperado, havendo um processo de fusão entre o que a criança é, e aquilo que a mesma desempenha, favorecendo um distanciamento cada vez maior do que Winnicott (1989) denominou de self verdadeiro.

Miller(1986), utilizando este referencial, afirma que se estabelece um “estado de não-comunicação”. Este estado se caracteriza por um sentimento de vazio e de futilidade por parte desses sujeitos, que se queixam de sentirem-se “sem lugar no mundo”, uma vez que o vazio sentido é real. Os pais encontram no “self falso” da criança a confirmação do que buscam, como um substituto de suas próprias estruturas perdidas. A mãe “ama a criança como seu self-objeto, excessivamente, embora não da maneira que o filho precisa e sempre sob a condição de que ele manifeste seu ‘falso-self’” (p.23). Neste caso, a criança seria uma vítima do egoísmo

dos pais, vendo-se forçada a atendê-los em seus ideais, sob o risco de perder o amor dos mesmos.

Se uma criança criada desta forma não quer perder o amor de seus pais, deve aprender muito cedo a compartilhar, a dar, a fazer sacrifícios e a estar disposta a abster-se de gratificação, muito antes de ser capaz verdadeiramente de compartilhar ou da real predisposição de 'fazer sem esperar nada em troca' (MILLER, 1986, p.10).

A inteligência acima da média, nesta perspectiva, surge como uma forma de atender o ideal narcísico dos pais e ao mesmo tempo como uma função de suporte, sendo decisiva no fortalecimento dos mecanismos de defesa da criança para lidar com o distúrbio narcisístico favorecido pelas figuras parentais.

A autora considera sua experiência de vinte anos em atendimento clínico, descrevendo que os "pacientes bem-dotados", por um lado são louvados e admirados por seus talentos, por outro lado nutrem um sentimento de insegurança e instabilidade, não sendo capazes de tirar proveito de suas realizações. Tendem a repetir frente a seus parceiros, amigos e demais pessoas que deles se aproximam a mesma posição tomada primeiramente em relação aos pais.

A autora acima afirma que atrás de tudo isso, está a depressão, o sentimento de vazio e auto-alienação, além de um senso de que suas vidas são destituídas de sentido (MILLER, 1986, p.17). Pode-se entender que o conhecimento, a intelectualização cumprem a função de suprir uma falta ou de defender o sujeito de um ataque por parte dos pais.

A influência dos pais – sendo considerado um fator crucial para o desenvolvimento psíquico e cognitivo do indivíduo, e a noção de frustração como elemento a ser superado pela criança em sua relação objetal com as figuras parentais, percebe-se que a superação da frustração, nessa vertente, se constituiria uma pré-condição para a fundação de um aparato organizador do pensamento e de suas funções cognitivas.

Miller (1986) "aborda esta questão permitindo entender dois modos paradoxais de o sujeito se colocar em relação á intelectualização, tomando-a como uma forma de atender o narcisismo dos pais e ao mesmo tempo, de se defender deles".

A importância que o Outro primordial tem na montagem psíquica do *infans*, Freud (1914/ vol.XIV) acrescenta também que o lugar do filho no desejo dos pais é

parcela essencial na constituição subjetiva, ensinando que o amor dos pais nada mais é do que um retorno de seu próprio narcisismo. Diz ainda que o bebê vem realizar os sonhos dos pais e satisfazer seus desejos com este ideal.

É por este caminho que Lacan vai tráfegar, acentuando que o desejo dos pais é fundamental para a constituição psíquica do sujeito. Lacan (1957) especifica que a mãe, enquanto função está além de sua maternagem na medida em que se torna responsável pela introdução da dimensão simbólica na díade primordial. Ou seja, na condição de representante do discurso – tesouro dos significantes –, a mãe constitui um saber sobre as demandas a ela dirigidas, conferindo-lhes um sentido. Este Outro na relação com a criança vem evidenciar o caráter simbólico da subjetivação do sujeito lacaniano.

Segundo Lacan (1957), no discurso sustentado por um sujeito, há algo que ultrapassa seu querer. O paradoxo, o imprevisto, o acidente produzem significantes que se engatam e geram efeitos de sentido. É aí que fica em jogo uma verdade num nível diferente do eu do sujeito. Há alguma coisa que funciona no inconsciente mais além do par formado pelo eu e o outro, trata-se de uma entidade estrutural.

Conforme Mannoni (1988b), “o que na mãe não pôde ser resolvido no nível da experiência da castração, vai ser vivido, como eco, pelo filho que, nos seus sintomas, muitas vezes não fará mais do que fazer ‘falar’ a angústia materna” (p.35).

Green (1988) criou o conceito de mãe morta para definir a mãe enlutada e depressiva que cuida de um bebê e as conseqüências desse comportamento na criança. A mãe morta aqui analisada é uma metáfora, pois Green não trata das conseqüências psíquicas da morte real da mãe, mas de uma imago que se constitui na psique da criança em conseqüência de uma depressão materna, particularmente devido a um luto sofrido pela mãe, mas também por abandono ou humilhações e grandes infortúnios vividos por ela. O autor relata o quanto essa mãe que está criando um bebê pode afetá-lo, por estar com seu estado emocional comprometido pelo traço essencial de uma depressão.

A mãe morta é, portanto, uma mãe que permanece viva, mas que está, aos olhos da pequena criança de quem ela cuida, morta psiquicamente. Green diz que tal depressão materna transforma brutalmente o objeto vivo, fonte de vitalidade da criança, em figura “distante, átona, quase inanimada, impregnando muito profundamente os investimentos de certos sujeitos que temos em análise e pensando sobre o destino de seu futuro libidinal, objetual e narcisista”. (GREEN, 1988, p. 23)

A transformação na vida psíquica, no momento do luto súbito da mãe que desinveste brutalmente de seu filho, é vivida pela criança, segundo Green (1988), como uma catástrofe. Primeiro porque, sem qualquer aviso prévio, o amor foi repentinamente perdido, havendo um trauma narcisista. Há ainda uma perda de sentido para a criança, pois ela não entende o que aconteceu.

Green (1988) diz que a criança que teve uma “mãe morta”, no sentido dessa metáfora, sofreu uma brusca interrupção no início de sua vida. Antes, tinha uma relação rica e feliz com a mãe e sentia-se amada. Depois, de forma abrupta, e sem entender o porquê, vive a perda de amor da mãe. O autor destaca ainda que a criança teve a cruel experiência de ficar precocemente dependente às variações de humor da mãe. Por esse motivo, desenvolveu a capacidade de adivinhar ou antecipar os acontecimentos, o que pode, inclusive, resultar numa criação artística ou intelectualização muito rica desse sujeito. Essa capacidade para antecipar ou adivinhar os acontecimentos, segundo o autor acima citado, nada mais é do que uma tentativa de dominar a situação traumática.

Esse domínio, no entanto, poderá fracassar, segundo Green (1988), pois as sublimações idealizadas precoces são provenientes de formações psíquicas prematuras e precipitadas, o que abrirá a possibilidade de o sujeito ser incapaz de equilibrar-se em suas relações de objeto e ter um ponto vulnerável nesse sentido, que é sua vida amorosa. “Em suma, os objetos do sujeito ficam sempre no limite do Eu, nem completamente dentro nem totalmente fora. E isto porque o lugar está ocupado, no centro, pela mãe morta”. (p. 252).

Freud (1910, p.106) aborda a questão da relação mãe – criança, dizendo que

sua natureza é a de uma relação amorosa plenamente satisfatória que não somente gratifica todos os desejos mentais, mas também todas as necessidades físicas; e isto representa uma das formas possíveis de felicidade humana, em parte será devido á possibilidade que oferece de satisfazer, sem reprovação, desejos impulsivos há muito tempo reprimidos e que podem ser considerados como perversos.

Cabe ressaltar que este amor incondicional tem um preço, o de responder incondicionalmente ao desejo materno.

Foi em 1910 que Freud escreveu sobre “A lembrança infantil de Leonardo da Vinci”, onde ele se propõe a estudar essa “grande figura da humanidade” e a analisar as inibições de Da Vinci tanto na vida sexual como nas atividades artísticas, além de, nesse texto, também desenvolver suas teorias em torno do conceito de

sublimação. Freud considerou Da Vinci um “gênio poliforme”, com uma versatilidade que o levou a ser artista, escritor e cientista brilhante.

Com este estudo Freud pretendeu esclarecer quem era o “misterioso” Leonardo da Vinci e o que realmente movia sua intelectualidade. O acervo produzido por Da Vinci o qualificou como “gênio universal” ou “homem do renascimento”, afinal proporcionou muitas contribuições para a ciência e para a civilização. No esforço de justificar psicologicamente a genialidade imaginativa de Da Vinci, Freud mobilizou-se a encontrar as influências que o motivaram a permanecer em sede insaciável e incansável de conhecimento. Vale ressaltar que a postura de pesquisador de Da Vinci, inicialmente era dedicada como uma “ferramenta” para atingir a precisão ideal nas obras. Sendo que posteriormente, a pesquisa tornou-se tão essencial quanto á própria arte.

No Seminário 11, “Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise”, de 1964, Lacan (1985) comenta que, em Da Vinci, a arte se mistura à ciência e, a partir dele, o quadro passou a ser organizado de uma maneira totalmente nova na história da arte. Da Vinci foi considerado um homem à frente de sua época, com uma curiosidade incansável, com muitos talentos numa intensidade assombrosa, mas, na verdade, por mais genial que fosse, era apenas um homem que, como qualquer outro homem, era incapaz de escapar das marcas do Outro que irão constituir o sujeito.

A partir das indicações da personalidade de Da Vinci, Freud considerou suas pesquisas como sendo a meditação obsessiva dos neuróticos. Para combater esses excessos, surgiu nele um recalque forte o suficiente para afastar sua puberdade de toda atividade sexual, tendo a maior parte de sua sexualidade sido sublimada numa ânsia de saber. Ao mesmo tempo em que Freud o vê como assexuado, em outro momento ele considera que seu amor excessivo pela mãe levou-o a tornar-se um homossexual.

Para Lacan, com o texto sobre Leonardo da Vinci, Freud destaca a importância da função mãe fálica para a criança que depende dela, ou seja, a criança ligada a uma mãe que, por sua vez, está ligada ao falo como falta no plano imaginário, toda a obra de Leonardo da Vinci é vista por ele como se estruturando sobre a relação do eu com o outro, atravessada pelas marcas do grande Outro.

Lacan (1995, p. 446) levanta a hipótese do processo de sublimação poder se chamar também de alienação, onde o sujeito esquece a si mesmo como objeto imaginário do outro. É nesse ponto que Lacan irá abordar o conceito de sublimação:

Trata-se aí de uma certa tomada de posição do sujeito com relação à problemática do Outro, que é, ou bem este Outro absoluto. Na sublimação, portanto, a mudança de objeto não exclui o objeto sexual e, apesar do sujeito sublimar, ele paga com alguma coisa, ele paga com o seu gozo.

No texto de Freud “Três ensaios sobre uma teoria sexual”, de 1905, a forma sublimada da pulsão tem que passar necessariamente por uma mudança do objeto:

Essa mudança não se faz por intermédio de um retorno do recalcado, que não se faz sintomaticamente, indiretamente, mas diretamente, de uma maneira que se satisfaz diretamente. A libido vem encontrar sua satisfação nos objetos (...), objetos socialmente valorizados, objetos aos quais o grupo pode dar sua aprovação, uma vez que são objetos de utilidade pública. É desse modo que a possibilidade de sublimação é definida (p 119).

Essa satisfação, que Lacan (1988, p.119) nos diz que é paradoxal, pois entra em jogo aí a categoria do impossível, que é o real. Leonardo da Vinci parece ter inferido essa noção de impossibilidade ao definir sua obra como sendo feita “de uma atividade sempre no limite do realizável e do impossível”.

Apesar da sublimação ser muitas vezes vista como sendo apenas um dos destinos da pulsão, talvez devêssemos estar mais atentos ao seu estatuto no interior da clínica da psicanálise, uma vez que a sublimação interage com o fantasma, com o narcisismo, com a repetição, com o gozo, com a falta e com o vazio. Para Lacan é a sublimação que irá presentificar essa opacidade subjetiva que Freud articula como satisfação da repetição. Há algo do real que insiste, que está no lugar da causa, para que algo se inscreva. O sujeito que somos é opaco porque há um inconsciente. Podemos constatar isso em Leonardo, pois uma das impressões mais fortes de sua infância, segundo Freud, e que certamente deixou marcas inconscientes, é externada no famoso sorriso que se repete em suas figuras femininas, sorriso esse que recebeu a definição de “leonardiano”.

Freud atribui o fascínio que Leonardo teria por esse sorriso a uma lembrança de infância tão forte que dela ele jamais se libertou e o relaciona à figura de sua mãe Caterina. Leonardo já estaria sob o forte domínio da inibição quando, mais tarde, reencontra na Mona Lisa o sorriso beato que via no rosto de sua mãe quando o acariciava, não conseguindo desejar reencontrar tais carícias em outras mulheres.

O carinho excessivo de Caterina, segundo Freud (1976), foi fatal para Leonardo, pois determinou o seu destino. A mãe abandonada pelo marido procurava compensar junto ao filho suas frustrações, substituindo o marido pelo filho pequeno, e privando - o de uma parte de sua masculinidade:

“O amor da mãe pelo lactante a quem nutre e cuida é algo que chega muito mais fundo que sua posterior afeição pelo filho crescido. Possui a natureza de uma relação amorosa plenamente satisfatória, que não só cumpre todos os desejos anímicos, se não todas as necessidades corporais, e se representa uma das formas da felicidade acessível ao ser humano isso se deve, não no último termo, à possibilidade de satisfazer sem reprovação também moções do desejo há muito tempo recalçadas e que temos de chamar ‘perversas” (p.109).

A arte é vista por Freud como sendo uma satisfação substitutiva que é psiquicamente eficaz, devido ao papel que a imaginação e a fantasia ocupam na vida anímica; ela é um modo específico de organização em torno do vazio, e a obra de arte é uma forma de cingir a Coisa. Na arte, “o objeto é instaurado numa certa relação com a Coisa que é feita simultaneamente pra cingir, para presentificar e para ausentificar. A obra da sublimação não se limita à obra de arte, pois ela se estende a toda atividade que reproduz essa estrutura, essa reprodução da falta.

Os três termos que Freud define para a sublimação são a arte, a religião e a ciência. Nesse sentido, Leonardo da Vinci não poderia ser um exemplo melhor, uma vez que ele passou com a mesma desenvoltura pelos três tipos de sublimação: na arte, com seus belíssimos quadros, esculturas e desenhos; na religião, embora ele não tenha sido uma pessoa especificamente religiosa, mas sua relação com a natureza e sua admiração pelo Criador do universo tinham um caráter religioso; e na ciência, com suas infundáveis pesquisas. Podemos então concluir que foi ao re-trabalhar a falta de um modo infinitamente repetido que Leonardo alcançou o limite da obra de arte.

Podemos perceber o efeito do desejo materno pode acarretar á criança ao abordar a sexualidade de Leonardo da Vinci, análise realizada por Freud a partir da proximidade exacerbada de Leonardo com sua mãe, colocando a tal proximidade como um dos possíveis fatores relacionados á sua vida sexual e á dedicação, ainda que platônica, a amores homossexuais.

Freud (1910 / 1976) observa que:

na maioria dos casos de homossexualismo masculino, os indivíduos experimentam na primeira infância uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente a mãe, este vínculo fora despertado e encorajado pela ternura constante e intensa por parte desta. Posteriormente a este estágio preliminar, o amor da criança não será mais consciente, sofrendo portanto, repressão. O sujeito ao reprimir o amor por sua mãe, tomará a si mesmo como objeto sexual ao se colocar no lugar dela, num processo decorrente de uma identificação narcísica, arrogando a si mesmo como modelo. Dessa forma, passa procurar outros jovens que se pareçam com ele, e possam amá-lo como a sua mãe o amou. Percebe-se que o narcisismo seria a captação amorosa do sujeito pela própria imagem. Freud afirma que este processo, na verdade, é um retorno ao autoerotismo, afinal os homens que o homossexualismo masculino diz amar são na realidade figuras substitutivas que o fazem recordar a si próprio durante a infância. Assim sendo, o sujeito busca encontrar seus objetos de amor segundo o modelo narcísico.

Lacan (1957) retoma este texto de Freud, apontando a maneira como Leonardo pode se colocar frente ao desejo da mãe fálica e como também sua genialidade constituiu-se num modo de resposta a este desejo. Referindo-se à questão da sublimação, retomamos o que Freud (1910 / 1976) aponta ao dizer que essa “transformação da força psíquica instintiva, da mesma maneira que a transformação das forças físicas, não poderia se realizar sem prejuízo” (p.69-70). Mostra que esta perda marca, sobretudo, no que tange à vida sexual do sujeito que em muitos casos, pode passar a ser completamente restrita, assumindo um caráter secundário em prol do fator intelectual, o que se mostrava bastante marcante na vida de Leonardo da Vinci, e que também podemos perceber de formas variadas, presente na vida de sujeitos com altas habilidades/superdotação.

A atividade intelectual também pode ser um escape do recalçamento, como é vista no caso de Leonardo da Vinci, mas permanece secretamente ligada à busca do gozo sexual que era objetivo de suas primeiras investigações, levando o sujeito a repetir o fracasso experimentado quando da busca da resposta do enigma de sua existência, empreendendo-se numa busca sem fim de algo que se coloca cada vez mais distante, mas que por outro lado se coloca como mola propulsora de suas pesquisas. Este mecanismo pode ser considerado no caso da superdotação.

A partir do texto de Freud (1924 /1976) *A dissolução do Complexo de Édipo*, há a introdução das especificidades que se referem à organização sexual feminina. Se por um lado, a ausência do falo coloca a questão da castração para a menina como um fato consumado, ao passo que para o menino se apresenta a constante

ameaça frente á perda do órgão, por outro, não é sem resistências que a menina se defronta com a falta de um pênis.

Sendo a renúncia do falo não tolerada pela menina, a mesma busca uma alternativa de compensação, e a partir disso ela desliza ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente, de dar-lhe um filho (FREUD, 1924/ 1976, p.223).

Ainda conforme Freud (1924/ 1976), esses “*dois desejos*”- “possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior” (p.223-4).

A partir da referência acima, Freud situa a questão da superdotação em dois vieses distintos. Se falarmos quanto ao caso de uma menina superdotada, acrescentaríamos à posse de um conhecimento como um possível substituto de um pênis. E num segundo momento, menciona-se o desejo de uma mãe que concebe um filho superdotado, e que o toma de algum modo por objeto suplente de sua falta, ou seja, de sua supremacia fálica. Neste caso, ser superdotado corresponderia, no momento da constituição psíquica, o objeto suplente da falta materna, e, como tal, merecedor absoluto de seu amor, respondendo ao ideal narcísico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando realizamos um estudo analítico a partir de uma abordagem psicanalítica, é sempre difícil falarmos de conclusão, pois ao fecharmos este trabalho, o fazemos tendo em vista as lacunas por ele deixadas, vislumbrando o momento de nos empreendermos e darmos continuidade novamente em outros estudos.

No processo de constituição do superdotado tem sido possível constatar a presença maciça da sexualidade dos pais, principalmente no que esta se refere ao desejo materno.

A criança superdotada, embora de uma forma inconsciente, pode ser um substituto capaz de recobrir as perdas da infância, o retorno ao tempo perdido, os amores perdidos, os ideais parentais, atendendo prontamente à demanda incondicional do Outro. Neste sentido, as altas habilidades/superdotação surgem

como um traço, direcionado a responder ao fantasma parental, sobretudo, naquilo que este se relaciona ao desejo materno.

Mannoni (1988b) já citara anteriormente: “o que na mãe não pôde ser resolvido no nível da experiência da castração, vai ser vivido, como eco, pelo filho que, nos seus sintomas, muitas vezes não fará mais do que fazer ‘falar’ a angústia materna” (p.35).

Com base nos textos freudianos, poderíamos situar esta busca em relação aos dois desejos que Freud (1924) cita como remanescentes da passagem da menina pelo complexo de Édipo e, que se constituem no desejo de possuir um pênis e um filho. O superdotado se vê confrontado como sujeito á incompletude do Outro, colocando-se numa posição masculina, para satisfazer o desejo inconsciente da figura materna, a falta do pênis.

Conforme Lacan (1954):

existe sempre na mãe, ao lado da criança, a exigência do falo, que a criança simboliza ou realiza mais ou menos. Já a criança, que tem sua relação com a mãe, não sabe nada disso. Para a mãe, a criança está longe de ser apenas a criança, já que ela também é o falo (p.56).

Já Mannoni (1984) “sem o saber, a criança é levada a cumprir o voto inconsciente da mãe”. Sendo assim, conseguimos perceber a superdotação, como uma tentativa da criança sustentar um lugar específico no desejo materno, devido sua dependência de amor e, ao mesmo tempo, como uma defesa frente à constatação da falta do Outro e de sua própria condição de sujeito faltante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. A. G. **Tornar-se Pai, Tornar-se Mãe: O Processo de Parentificação.** In: CORRÊA FILHO, L.; CORRÊA, M. E. G.; FRANÇA, P. S (Ufrgs). *Novos olhares sobre a gestação e a criança até os 3 anos: Saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê.* Brasília: L.G. E, 2002.
- ALENCAR, E. M. L. S. e FLEITH, D. S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento.** São Paulo: EPU, 2001.
- AULAGNIER, P. **Observações sobre a estrutura psicótica.** IN: KATZ, C. S. (Org) *et al. Psicose – Uma leitura psicanalítica.* 2 ed. São Paulo: Escuta, 1991.
- BLEICHMAR, S. Do discurso parental á especificidade sintomática na psicanálise de crianças. In: Rosenberg, A.M.S. de (Org). **O lugar dos pais na psicanálise de crianças.** São Paulo: Escuta 1994.
- BRAZELTON, T. B; CRAMER, G. B. **As primeiras relações.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre sexualidade.** (J.Salomão, Trad). Em J.Salomão (org), Edição Standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud (Vol. VII; pp.123-251). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1909) Obras completas. 3. ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. 3 v: La novela familiar del neurotico.
- _____.(1910). Leonardo da Vinci, uma lembrança de infância. Obras Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- _____. (1911) Obras completas. 3. ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. 3 v: Los dos principios del funcionamiento mental.
- _____. (1914) Sobre o Narcisismo: Uma introdução, volume XIV.
- _____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. Obras Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FREUD, S. “El recuerdo infantil de Leonardo de Vinci”, in: Obras Completas, Volume XI, Amorrortu Editores, 1976.
- GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** São Paulo: Escuta, 1988.
- LACAN, J. (1954-1955). **O seminário: livro 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; Trad. Marie Christine Laznik Penot, com a colaboração de Antonio Quinet. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).

- LACAN, J. (1957). **O Seminário: livro 4** – a relação de objeto. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller; Trad. Dulce Duque Estrada. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1995. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. **O Seminário livro 7** – A Ética da Psicanálise. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 1988, p.119.
- LACAN, J. (1964). **O seminário: livro 11** - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; Trad. M. D. Magno. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.
- KUPFER, M.C.M. Pais: melhor não tê-los? In: Rosenberg, A.M.S. de (Org). **O lugar dos pais na psicanálise de crianças**. São Paulo. Escuta, 1994.
- MANNONI, M. "O Falso Self" e "Winnicott - Um Espaço Para a Fantasia" In: *A Teoria como ficção*. Rio de Janeiro, Campus, 1984.
- MANNONI, M. **Um saber que não se sabe**. Campinas. Papirus, 1989a.
- _____. **Da paixão do ser á "loucura" de saber, os anglo-saxões e Lacan**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989b.
- _____. **A criança retardada e a mãe**. São Paulo. Martins Fontes, 1988.
- MILLER, A. **O drama da criança bem dotada – como os pais podem formar e deformar a vida emocional de seus filhos**. São Paulo. Summus Editorial, 1986.
- NOVAES, M. H. **Psicologia da criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- _____. **Desenvolvimento psicológico do Superdotado**. São Paulo: Atlas, 1979.
- RENZULLI, J. S. e REIS, S. M. **The schoolwide enrichment model** (2ª ed.). Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1997.
- ROBINSON, N. M. The early development of precocity. *Gifted Child Quarterly*, v. 31, n. 4, 1987, p. 161-4.
- ROSENBERG, R. L. **Psicologia do superdotado**. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1973.
- SANADA, Elizabeth dos Reis. Superdotação e psicanálise: uma questão do desejo. 2001. Dissertação (Mestrado Instituto de Psicologia) – Universidade de São Paulo.
- SILVERMAN, L. K. Asynchronous development. Em M.Neihart, S. M. Reis, N. M. Robinson e S. M. Moon (Orgs), **The social and emotional development of gifted children. What do we know?** (pp. 31-37). Washington, DC: Prufrock Press, 2002.
- VYGOTSKY, LEV, S. **A formação social da mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

WINNER, E. ***Crianças superdotadas. Mitos e realidade.*** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes. (Psicologia e Pedagogia), 1989.